



USO DO CONCEITO DE PERFORMANCES COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ENSINO DO KARATE: UM BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA

Use of the performances concept as a methodological tool on the karate teaching: A brief experience report

Lucas Monteiro¹

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar a articulação do conceito de performances com o ensino do karate em ambiente não escolar. A metodologia utilizada em campo para coleta de dados foi o diário de campo, além da pesquisa bibliográfica para devida articulação com o conceito proposto. É possível concluir que o conceito de performances utilizado no ensino do karate pode contribuir para a potencialização do processo de ensino e aprendizagem e possibilitar novos caminhos metodológicos.

Palavras-chave: Karate. Ensino. Performances. Performances culturais.

ABSTRACT

The following experience report has a goal to present the articulation of the concept of the performance with the teaching of karate in nonschool space. The methodology used in the field to collect the data was the field journal, besides the bibliographic research to the proper articulation with the proposed concept. It is possible to conclude that the performances concept used on the teaching of karate may contribute to the potentialization of the process of teaching and learning and enable new methodological ways.

Keywords: Karate. Teaching. Performances. Cultural Performances.



¹ Graduado em Educação Física (UEG). Mestre e doutorando em Performances Culturais (UFG). Atleta e professor de karate, faixa preta no estilo Uechi-Ryu. Praticante e atleta de jiu-jitsu. Email: professormonteiroef@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5919186048570621>



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência acerca de uma proposta do uso do conceito de performances concebido por Richard Schechner (2013), como uma ferramenta metodológica no ensino do karate em um espaço não escolar. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi o diário de campo, sendo realizados relatos das atividades executadas ao fim de cada uma das aulas, para possibilitar, posteriormente as devidas articulações com o referencial teórico aqui proposto.

A princípio será realizada uma breve contextualização do karate enquanto arte marcial e fenômeno esportivo, buscando descrever o *modus operandi* para melhor compreensão da discussão aqui elaborada. A proposta não é efetuar uma discussão profunda dos processos históricos ou das relações sociais e culturais do karate, objetiva-se apenas descrever de forma breve e simples os aspectos fundamentais para o entendimento do funcionamento e treinamento desta arte marcial.

Em seguida, apresentar-se-á o conceito de performances presente na obra de Richard Schechner (2013), e as devidas informações para a apreensão do que vem a ser esse conceito. Apesar do termo performance ser amplo e apresentar uma grande diversidade de significações, o conceito utilizado por Schechner (2013) direciona foco para a realização de determinados comportamentos e ações nas mais diferentes atividades da vida cotidiana, como: as artes, os esportes, danças, rituais e outras manifestações sociais.

Após a elucidação destes tópicos anteriores será apresentada a descrição das atividades realizadas, utilizando o conceito de performances, como uma ferramenta metodológica no ensino do karate em espaço não escolar. As atividades foram realizadas em uma organização social não governamental sem fins lucrativos da cidade de Aparecida, cidade que faz parte da região metropolitana de Goiânia, Goiás. As aulas ocorreram de setembro de 2019 a março de 2020, e necessitaram ser interrompidas devido à pandemia do vírus da COVID-19.

Este trabalho justifica-se nos âmbitos científico e social, pois possibilitam o compartilhamento de novas estratégias metodológicas no ensino das artes marciais em ambientes não escolares. Contribui com a produção científica na área da Educação Física, sobretudo no que concerne a didática e as formas de ensino e aprendizagem, além de possibilitar também novos caminhos para a produção científica no que tange as ciências humanas e sociais.

2 O KARATE

O karate tem suas origens na ilha de Okinawa, no Japão. A ilha tem localização que permite um intercâmbio cultural, social e comercial privilegiado com outras regiões do continente asiático. Esta facilidade de relações, no contexto de desenvolvimento do karate, permitiu que os aldeões da ilha aprendessem conhecimentos de artes marciais de outros povos e desenvolvessem diversas formas de combate sem a utilização de armas para defesa dos territórios, defesa de posses e também a defesa da família (SUZUKI, 2008).



O treinamento desta arte marcial é baseado em três pilares fundamentais: Kihon, kata e kumite. Os exercícios de Kihon são as técnicas básicas (ROSSI *et al.* 2007), podendo compreender como os exercícios de socos, chutes, defesas, bases e guardas utilizadas. A prática dos fundamentos do kihon é de grande importância para o praticante de karate, pois através do kihon, se tem a apreensão das técnicas e desenvolvimento da execução correta dos movimentos.

A tradução literal de kata da língua japonesa é “forma”, podendo ser compreendido no contexto do karate como formas de combate. A prática do kata consiste em executar uma luta imaginária, um conjunto de movimentos pré-determinados pelos mestres fundadores (ABERNETHY, 2002). O kumite é a face mais conhecida do karate, é o combate propriamente dito. A luta geralmente é realizada apenas entre dois adversários, moderada por um instrutor ou aluno mais experiente em treinamentos e por árbitros em campeonatos.

A aula se inicia com a saudação tradicional aos mestres fundadores, ao instrutor e também os colegas de treino. Realiza-se o aquecimento dos músculos e articulações, para prevenir lesões e também preparar o corpo para o treinamento a ser realizado. Em sequência se executam os treinamentos de kihon, kata e kumite, podendo variar de acordo com a proposição do instrutor e de acordo com o conteúdo a ser ministrado. Por fim, é comum que se execute informes ou mesmo explicações do treinamento e a saudação final.

3 O CONCEITO DE PERFORMANCE

O termo performance é amplo e comporta uma diversidade de significados, sendo utilizado pelas mais diversas áreas do conhecimento. O conceito de performance aqui discutido está presente na obra do teatrólogo Richard Schechner (2013), e explica como essas performances são executadas na vida cotidiana, nos esportes, nas danças e artes em geral. Pela compreensão desse conceito é possível estabelecer as relações de performances executadas nos mais diferentes contextos:

Nos negócios, nos esportes, e no sexo, “realizar performance” é fazer algo no nível de um padrão – ter sucesso, ter excelência. Nas artes, “realizar performance” é colocar esta excelência em um show, numa peça, numa dança, num concerto. Na vida cotidiana, “realizar performance” é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes. “Realizar performance” também pode ser entendida em relação a: - sendo - fazendo - mostrar fazendo - explicar “mostrar fazendo” (SCHECHNER, 2013, p. 28.)

As relações estabelecidas por Schechner (2013), levam ao entendimento que ao “ser”, “fazer”, “mostrar fazendo” e “explicar ‘mostrar fazendo’” se está realizando uma performance. Sendo assim, ao “ser” um personagem em uma peça teatral, ao “fazer” um *grand battement* em uma apresentação de ballet, ao “mostrar fazendo” um chute frontal em uma aula de karate ou “explicar ‘mostrar fazendo’” todos os anteriores em uma produção científica se está executando uma performance.



Compreende-se, dessa forma, que a realização de performances está inserida na vida cotidiana. Schechner (2013) afirma que a realização de performances marca identidades, apresentam novas formas de realidade e contam histórias. Afirma, ainda, que as performances são “comportamentos restaurados”, uma categoria compreendida como um comportamento realizado previamente, um comportamento ensaiado, presente ainda na vida diária, por ser necessário apreensão de comportamentos culturais para se ajustar às relações sociais:

O comportamento restaurado é o processo principal de todos os tipos de performance, seja na vida cotidiana, na cura, nos ritos, em ações, e nas artes. O comportamento restaurado está “lá fora”, aparte do “eu”. Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi”. Mesmo se me sentisse completamente como sou, atuando independentemente, apenas um pouco de investigação revelaria que as unidades de comportamento que contém meu “eu” não foram por “mim” inventadas. Ou, bastante ao contrário, posso experimentar ser “além do que sou”, “não eu mesmo”, ou “dominado” em transe (SCHECHNER 2006, p. 34).

O comportamento restaurado está presente nas artes teatrais, ao “ser” João Grilo, em uma peça teatral, o ator se comporta como se fosse outra pessoa. Está presente na dança, quando uma bailarina executa um *arabesque* que a coreógrafa lhe determinou para fazer durante uma produção. Está presente no karate quando um aluno executa um kata que aprendeu com o instrutor, que por sua vez também aprendeu com seu instrutor e assim por diante. Está presente na criança que se cala em um funeral porque assim lhe foi dito.

Essas ações e comportamentos não foram inventadas pelo ator, pela bailarina, pelo karateca ou pela criança, mas foram ensinadas por outrem, elaboradas e sintetizadas por dramaturgos, coreógrafos, instrutores e pelas pessoas que fizeram parte dos devidos contextos de desenvolvimento das artes e da cultura presente nas sociedades contemporâneas. Dessa forma, as performances são executadas em diferentes situações, de acordo com as convenções sociais estabelecidas, com as regras de um torneio, uma coreografia montada ou um papel.

Conforme o conceito de Schechner (2013), é preciso compreender a pluralidade das possibilidades de execuções de performances, e as mais diferentes utilizações dessas performances nos mais diferentes contextos. É possível compreender que o próprio ato de ensinar já se configura como um ato performático. Dessa forma, o planejamento de acordo com essas performances pode vir a ser uma forma de potencializar o ensino, de acordo com a intencionalidade utilizada em cada uma dessas ações.

A partir desses conceitos, buscou-se estabelecer relações nas formas de uma discussão teórica e também prática, através de uma das facetas apresentadas por Schechner (2013), os esportes, estabelecendo relações entre o karate e as performances. Dessa forma, a seguir será apresentada a descrição de atividades realizadas, de como as performances foram inseridas no planejamento da prática pedagógica e como foram utilizadas para potencializar o ensino do karate em um ambiente não escolar.



4 O USO DAS PERFORMANCES COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

Para a realização deste relato de experiência foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com os autores que abordam desta temática para delimitar o planejamento e as atividades a serem executadas. Para a descrição das atividades foi utilizado a técnica de diário de campo; ao final de cada uma das aulas, era feito a transcrição das aulas, como se deu o andamento, como foi a articulação do planejamento proposto e demais ocorrências pertinentes de serem descritas para futuras análises (MEDRADO *et al.* 2014).

As atividades aqui descritas foram realizadas em uma organização social não governamental sem fins lucrativos, localizada em região periférica da cidade de Aparecida, região metropolitana de Goiânia, Goiás. A organização oferece atividades esportivas, culturais e também atendimentos em saúde. Existe uma contribuição voluntária para a realização de alguns serviços, um valor acessível, que tem a finalidade de contribuir com a manutenção do espaço e ajuda de custo para os profissionais voluntários envolvidos.

A organização conta com um amplo espaço para atividades esportivas onde também podem ser realizadas confraternizações e reuniões quando necessário. O ambiente é arejado, conta com ventiladores, bebedouro, espelhos, banheiro, cadeiras, iluminação adequada, além de oferecer alguns materiais esportivos para uso dos instrutores e alunos. Um diferencial da organização é a presença do tatame de material EVA, que permite a prática de técnicas de queda e solo, oferecendo maior conforto para o treino.

As aulas iniciaram no dia 14/09/19, após prévia reunião com a coordenação da organização e apresentação do trabalho com o karate que viria a ser executado. As atividades ocorreram aos sábados no período da tarde, respeitando o calendário de feriados, e tendo duração média de uma hora e trinta minutos. O uniforme tradicional do karate popularmente conhecido como *kimono*, denominado *karategi*, não era obrigatório para os alunos, sendo facultado para quem já o tivesse.

Não foi exigido nenhum material por parte dos alunos para a realização das aulas, tais como: luvas, caneleiras ou protetor bucal. Os alunos que já possuíam esses materiais poderiam levar quando solicitado, entretanto, fora disponibilizado luvas quando necessário de acordo com o planejamento proposto. Não foi solicitado nenhum pagamento por parte dos alunos, as atividades relacionadas ao karate ocorreram de forma gratuita durante todo o seu período de execução, sendo solicitado apenas o consentimento dos responsáveis.

A faixa etária dos alunos era diversa, variando de quatro (04) a quarenta (40) anos, já que as aulas eram abertas para crianças e também adultos. O número total de alunos chegou a dezesseis pessoas; deste total, seis crianças foram efetivamente frequentes e o restante executou participações pontuais durante todo o período de atividades. Ambos os gêneros estiveram presentes e integraram de forma igualitária as aulas de karate, sendo a maioria dos alunos do gênero masculino.



Existe uma diversidade de estilos de karate, sendo mais de sessenta diferentes escolas, que imprimem sua forma particular de executar esta arte marcial (FROSI e MAZO, 2011). O estilo de karate ministrado foi o estilo Uechi-Ryu², uma escola de karate originária de Okinawa com influências de artes marciais chinesas. Este estilo apresenta oito formas de kata e exercícios de kihon e kumite semelhante às outras escolas de karate. Uma particularidade é a prática do *kitai*, conhecido como calejamento ou enrijecimento (MATTSON, 2009).

O planejamento das aulas se deu de forma a contemplar os três pilares do karate: kihon, kata e kumite, salvo em raras exceções que a intencionalidade da aula era apenas um dos aspectos. Foram selecionados movimentos básicos e adequados para iniciantes, com o foco nas seguintes técnicas: soco contrário da base (*Gyaku zuki*), soco com a mão da frente (*kizami zuki*), chute frontal (*Mae geri*), chute circular (*Mawashi geri*), bloqueio com a palma da mão (*harai uke*), bloqueio circular (*mawashi uke*) e o kata *Sanchin* (FROSI, 2014).

As aulas se iniciavam com a saudação tradicional, em seguida era explicitado o conteúdo da aula e os procedimentos a serem realizados. Na sequência, se executava o aquecimento corporal e os primeiros exercícios de kihon, da seguinte forma: exercícios de soco, exercícios de chute e por fim bloqueio, executando contagens iguais com base canhota e também base destra. Ao fim do kihon era feita pausa para água, ao retornar, era executado o kata *sanchin*. A aula era finalizada com o kumite, uma roda de conversa e saudação final.

O uso do conceito de performances se dava durante a realização dos exercícios pelo instrutor e pelos alunos na seguinte sequência didática: 1- anúncio do movimento em língua japonesa; 2 - anúncio do movimento em língua portuguesa; 3 - explicação e demonstração pelo instrutor; 4 - explicação e demonstração pelo instrutor junto com um aluno; 5 - realização dos movimentos pelos alunos. Esta sequência foi utilizada durante todas as aulas para a explicação dos movimentos.

Imagem 1 - Instrutor executando o Soco contrário da base (*Gyaku zuki*)



Fonte: Elaborado pelo autor

² Este estilo de karate é demasiado amplo para ser descrito nas poucas páginas de um relato de experiência, para maior aprofundamento, sugere-se a leitura completa de Mattson (2009), bem como outras pesquisas nos meios digitais.



Nessa sequência didática está presente o conceito de performances. Como na imagem acima, no momento 3, durante a explicação e demonstração pelo instrutor, era realizado o que Schechner (2013) considera como o *mostrar fazendo*, na performance. O instrutor performava o movimento *mostrando fazendo* da forma com os alunos deveriam replicar e também realizar. Esta ação de performar o movimento, além da explicação oral, contribuiu de forma significativa para a compreensão dos alunos acerca dos movimentos.

A princípio, ficou claro o estranhamento por parte dos alunos de comandos em língua japonesa, por isso se fez fundamental a explicação dos termos, seu significado em língua portuguesa e inclusive, em alguns momentos, explicitação da etimologia das palavras para um entendimento de forma mais completa. Em determinados momentos, a coordenação entre o ato de visualizar o movimento e executá-lo não se dava de forma harmônica, sendo necessário mais de uma demonstração.

Por essa razão, a performance de *mostrar fazendo* se fez importante durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Além de explicar o movimento de forma oral, a prática se mostrava de grande valia para compreensão da articulação do movimento, pois, por vezes, apenas a explicação oral não era eficaz para que os alunos conseguissem compreender o comando e internalizar o movimento. Esta ação também se mostrou eficaz quando utilizada com um aluno, no momento 4 da sequência explicitada acima.

Imagem 2 - Instrutor executando o movimento junto com aluno



Fonte: Elaborado pelo autor

Na imagem acima o instrutor realiza o momento 4 da sequência, explicação e demonstração junto com um aluno. Neste momento é possível que os alunos consigam visualizar o movimento e também compreender a sua finalidade através de uma realização prática. Este momento possibilita um entendimento para além da observação da performance solo do instrutor, pois



o aluno consegue visualizar o funcionamento do golpe, suas possíveis execuções e falhas, e também como articular o movimento na hora da luta.

Outro momento de fundamental importância para a articulação do conceito de performances com o ensino do karate foi o momento de o aluno performar o movimento. Momento este em que o aluno executava os golpes que fora ensinado. Além de observar a explicação do instrutor, observação a explicação e também a aplicação com o um colega, era fundamental também que os alunos realizassem os movimentos para conseguir internalizar a aprendizagem.

Imagem 3 - Alunos executando movimentos em dupla sob a supervisão do instrutor



Fonte: Elaborado pelo autor

Na imagem acima é possível perceber o momento da aprendizagem em que os alunos praticam e executam o que fora ensinado. Inicialmente os alunos executavam o movimento solo, respeitando a contagem do instrutor, de forma a apreender o movimento no corpo e deixar a técnica mais harmônica. Na sequência era também realizado a execução em duplas, possibilitando maior aproveitamento do ensino, e já colocando os alunos em preparação para os futuros exercícios de luta.

É possível compreender a execução desse momento com o que Schechner (2013) compreende como *fazendo*, após a apreensão inicial, é possibilitado aos alunos performar o movimento e *fazer* aquilo que lhes fora ensinado pelo instrutor. Através desse exercício foi possível permitir aos alunos maior controle nos movimentos, prática das capacidades físicas em situação distinta a de uma execução solo, estímulo ao cuidado com o corpo e também com o corpo do colega.

De forma geral, após esses exercícios de kihon eram executados os exercícios de kata, tradicionais ao treinamento de karate. Inicialmente, o instrutor realizava o kata sozinho, enquanto os alunos observavam; em seguida, realizava junto com os alunos e na sequência



apenas observava a execução para realizar correção e também sanar dúvidas da realização dos movimentos, repetindo o kata por algumas vezes até que o exercício fosse realizado de forma mais harmônica por parte dos alunos.

Um dos últimos momentos da aula era a realização do kumite, a luta. Um a um, os alunos realizavam a luta com o instrutor, a fim de executar os movimentos que foram apreendidos anteriormente e poder realizar um combate. Este momento da aula era bastante aguardado e estimado pelos alunos, pois lhes permitia a execução das técnicas e também a compreensão na forma prática de como essas técnicas podem ser executadas em uma situação de luta.

Nesse momento da aula é possível observar duas articulações com o conceito de Schechner (2013): A realização do kumite permite ao aluno *ser* de fato artista marcial, enfrentar um adversário real e acima de tudo *fazer* os movimentos que lhe fora ensinado. Além disso, juntamente com o instrutor, o aluno *mostra fazendo* aos colegas como compreendeu os movimentos e como os consegue executar. Percebe-se, então, a performance em um momento máximo na aula.

Imagem 4 - Aluno e instrutor executando o kumite



Fonte: Elaborado pelo autor

Na imagem acima é possível ver o instrutor realizando o kumite com um dos alunos, tendo os outros alunos como plateia, vendo a performance executada e esperando sua vez de também participar. Esse momento de observação se fez de grande importância, pois, desta forma, os alunos podiam enxergar o colega executando a luta, enxergava suas falhas, seus acertos e já podia vislumbrar os movimentos que pretendia executar. Enxergavam o instrutor em ação e tinham ali um modelo ao qual deveriam fazer igual.

A luta ao fim não tinha caráter competitivo, já que não se contava pontos e nem se apresentava um vencedor ao final, mas tinha em si um caráter avaliativo. Através do kumite era possível perceber se o aluno tinha apreendido de forma satisfatória as técnicas trabalhadas anteriormente, e, além disso, perceber erros e trabalhar a confiança na execução de técnicas



de forma real em combate. Ao fim da luta, o instrutor fazia uma breve conversa com aluno, explicitando aspectos a serem trabalhados pelo aluno.

Após o kumite executado com todos os alunos o último momento da aula era uma breve roda de conversa. Nessa conversa, o instrutor explicava detalhes da aula, erros individuais, erros coletivos, aspectos a serem melhor desenvolvidos e também dava espaço de fala aos alunos, para que estes apresentassem também suas dúvidas e tivessem oportunidade de expressar o entendimento acerca das técnicas da aula. A roda de conversa também era um importante instrumento de avaliação do andamento da turma.

Nas primeiras aulas os alunos apresentaram dificuldades comuns a quem inicia, ou retoma, a prática de um exercício físico, tais como: dificuldade de coordenação motora, dificuldade de compreensão dos exercícios propostos pelo instrutor, condicionamento físico deficitário, dificuldade de concentração. Além desses aspectos, era comum a falta de controle na intensidade dos golpes, alunos inexperientes tendem a se lesionar e a lesionar os colegas devido a imperícia na realização dos movimentos.

Ao longo dos meses foi perceptível o desenvolvimento dos alunos que eram frequentes nas aulas e a melhora em todos estes aspectos. Nas últimas aulas foi possível perceber a melhor compreensão dos termos em japonês, melhora no condicionamento físico, melhor coordenação dos movimentos, menor índice de incidentes por descontrole de intensidade, melhora na etiqueta dentro do dojo e sobretudo melhor cuidado com o corpo e o corpo dos colegas, a fim de evitar lesões.

Foi possível perceber nos últimos dias de aula que as técnicas propostas no início, descritas anteriormente foram apreendidas de forma satisfatória pelos alunos. Fora percebido que a execução do kata se dava de forma mais fluida e de que o kumite também estava sendo executado com maior controle. Os alunos que se encontravam em melhor nível de desenvolvimento também puderam executar o kumite entre alunos, que também se deu de forma satisfatória e sem grandes contingências.

O objetivo inicial era executar este relato após um ano da primeira aula, buscando melhor fidedignidade nos dados e possibilidade de apresentar resultados mais concretos da articulação do conceito de performances com o ensino do karate. Devido à pandemia da Covid-19 as aulas foram interrompidas sem aviso prévio de possibilidade de retorno, e por motivos de saúde e de adequação à quarentena e ao isolamento social no estado de Goiás, as aulas foram encerradas no dia 14/03/20.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar que a abordagem metodológica aqui apresentada pode vir a ser de grande valia no ensino do karate. O uso da articulação dos exercícios tradicionais com o conceito de performances pode potencializar o ensino dos alunos, colocando-os como performers, para além de espectadores ou reprodutores de técnicas das quais não compreendem. As explicações



articuladas com as performances possibilitaram um entendimento mais completo de cada um dos movimentos realizados.

O presente relato de experiência aqui se apresenta de forma inicial, conectando e articulando novos caminhos para que o ensino das artes marciais seja executado de forma mais efetiva e contextualizada com os dias atuais. Não se apresenta aqui um conceito final de ensino ou fórmula fechada, mas a discussão inicial de como o ensino do karate, das artes marciais e dos esportes, pode se articular com o conceito de performances e se fazer efetiva para o desenvolvimento da educação.

REFERÊNCIAS

ABERNETHY, I. **Bunkai-Jutsu: The practical application of Karate Kata**. Cockermouth. NETH. 2002.

FROSI, T. O. MAZO, J. Z. Repensando a história do karate contada no Brasil. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.297-312, abr./jun. 2011.

FROSI, T. O. **Curso de Extensão em Karate-Do UFRGS**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

MATTSON, G. E. **Uechiryu karate do: Classical Chinese Okinawan Self Defense**. Newton, Peabody. 2009.

MEDRADO, B. *et al.* Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. IN: Spink et al. (Orgs). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social. 2014.

ROSSI, L. *et al.* Avaliação antropométrica de atletas de Karatê. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. 2007; 15(3): 39-46.

SCHECHNER, R. **Performance studies: an introduction**. 3^a ed. New York, Routledge. 2013.

SUZUKI, T. A historical evolution classical karate-do to modern Sport karate. **Karate Ontario Symposium**. 2008.s

Submetido em 16/06/2020

Aceito em 17/08/2020

Publicado em 11/2020